

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

## Bellezas do seculo dezenove!

O seculo dos grandes acontecimen-  
tos registrou no livro dos gran-  
des crimes mais um attentado  
contra a virtude, contra a sciencia, con-  
tra a Egreja, trindade augusta e santa,  
contra que se conspira o  
seculo dezenove, e a que  
mira todos os seus tiros.

Vae no ultimo quartel o  
presente seculo, o seculo  
das luzes como lhe cha-  
mam, e toda a casta de  
crimes se teem commetti-  
do á luz da civilisação que  
leva dezoito seculos de  
brilhar fulgentissimo; mas  
o maior dos crimes, o que  
mais revolta todas as con-  
sciencias, o que mais eno-  
doa o seculo da electrici-  
dade e da locomotiva ras-  
gando os espaços e em-  
curtando as distancias, é  
esse crime nefando, prati-  
cado diante das portas sa-  
gradas da cathedral de  
Madrid, na pessoa do seu  
primeiro Bispo, no dia em  
que a Egreja recordava a  
entrada festival de JESUS  
Christo na cidade deicida,  
e, o que mais é ainda, prati-  
cado por um ministro do  
sanctuario, por um padre,  
por... não, um padre, um  
ministro da Religião que  
se implantou na terra pe-  
lo amor, pela caridade, pe-  
lo perdão, não pode ser o  
assassino do Bispo de Ma-  
drid, porque o padre com  
os olhos fitos no céu, donde  
irrompem todas as luzes,  
e com os joelhos dobrados  
no pavimento do sanctua-  
rio, acha linitivo para todas as dores,  
consolo para todas as desventuras, bal-  
samo para todas as pustulas sociaes.

O assassino do Bispo de Madrid,  
era, não um padre, mas um scelerado,  
um d'esses homens sem crenças, e sem  
dignidade, que envergam a batina do  
levita do Senhor, por calculo, por in-  
eresse, por verem no sacerdocio uma  
tida mais rendosa e menos trabalhosa,

porque a olham com os olhos da mate-  
ria, e d'aqui, d'este cobarde proceder,  
o crime que os telegraphos á pouco  
transmittiram a todas as cidades cultas,  
d'onde irrompeu um grito de dôr, d'on-  
de se operou um prorido de terror  
e medo, em face de tão estranha noticia.



O PADRE MOIGNO

Morreu, pois, em pleno seculo de-  
zenove um Bispo martyr da fê, mas mar-  
tyr fóra dos carcerees dos Cezares da  
antiga Roma onde os Bispos eram mor-  
tos em virtude de uma lei estúpida e  
barbara, mas em virtude d'uma lei; o Bis-  
po de Madrid foi martyrisado em plena  
praça publica, á luz do dia, n'uma ci-  
dade coberta de policia e agentes da  
ordem publica, perante milhares de ca-

tholicos que o esperavam reverentes,  
por um assassino de revolver em pu-  
nho, ostentando as vestes do presbyte-  
ro! Não admira! O seculo actual tem  
caminhado por todos os degraus do  
aperfeiçoamento material, mas não tre-  
pou ainda um só dos degraus, d'essa

escada que leva onde se  
apreifeoa a alma, onde  
se criam as inteligencias  
nobilissimas, onde se  
aprende a voar pelos es-  
paços luminosissimos da  
fê e da esperança.

O seculo dezenove é  
atheu, não ensina a seus  
filhos nas muitas escolas  
que cria, senão o desres-  
peito da auctoridade, o me-  
noscabo de todos es prin-  
cipios de direito e de li-  
berdade, e d'aqui o appa-  
recer uma fera brutificada  
pelo vicio e pelo crime,  
capaz de lançar as garras  
publicamente ao seu Pre-  
lado, e com cynismo bas-  
tante para responder ás  
palavras de perdão solta-  
das pelo martyr ao cair  
ferido, com estas terriveis  
palavras, que bastam pa-  
ra envergonhar o seculo  
dezenove: — *estou vingado!*

Estava vingada a bes-  
ta-fera! E de quem se vin-  
gára? do Prelado que che-  
gara tão alto pelas suas  
virtudes e alto saber, que  
como Bispo de Salamanca  
viu estabelecer em sua dio-  
cese os Padres Jesuitas, os  
Carmelitas, os Dominicos;  
que procurou quanto pô-  
de restabelecer a boa dis-  
ciplina na sua Egreja, e

que, depois de Bispo de Madrid se dis-  
poz a fazer entrar nos seus deveres o  
Clero.

E quem é que se vingava? O padre  
devasso, que vivia escandalosamente,  
que não observava leis algumas da Egre-  
ja, que... *tinha o modo de vida de pa-  
dre!*

Contristara-nos a alma ao descrever  
tão ediondo crime, e trememos pelo

futuro da sociedade, se Nosso Senhor não olha misericordioso para nós. Madrid e a Europa tremem também, e a joven rainha de Hespanha, rompendo em dolorido pranto ao saber do attentado não fez mais que tremer também; porque, quando a purpura dos altos dignatarios da Igreja Catholica se não respeita, quando a cruz que pende do peito do Bispo não amedronta o assassino, lembrando-lhe os eternos castigos; como ha-de respeitar-se os arminhos da realza, quem ha-de amedrontar-se com a cruz que encima o diadema dos reis?

Quando se despara uma arma no peito de um Prelado, diante do cabido e do povo que o aguarda, quem pôde livrar a rainha, quando de joelhos diante dos sagrados altares, de ser apunhalada em meio das sua damas, rodeada pela corte luzida dos gentis-homens do palacio?

Se a justiça da terra não pôde desarmar o assassino do Bispo em meio das ruas da capital de Hespanha, e se o assassino não teve consciencia, e por tanto nada receia da justiça divina, que valem esquadrones de *hussars* emplumados, que valem as laminas pulidas dos estados maiores do exercito, que valem selvas de bayonetas, quando se trate de assassinar a realza?

Por isso a Rainha de Hespanha chorou, e chorou amargamente, não só pelo Prelado que estimava, mas por ella, por tudo que lhe é caro, por tudo que a rodeia, porque tudo está condemnado, tudo assentado no livro negro dos inimigos de Deus e dos Reis, dos inimigos da Igreja e da sociedade.

*Elias de Sampaio.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O Espirito da Legislação moysaica

**A** LEI moysaica offerece na historia o espectáculo singular d'um código que, promulgado sob a sua forma definitiva, desde a origem d'uma nação, tem persistido através dos seculos, apesar da sua declarada hostilidade contra as propensões grosseiras do povo a quem o legislador o impoz. E' por este signal que os Judeus reconheceram a obra d'Aquelle que diz no proemio do mesmo código: «Eu sou o Senhor teu Deus.»

Além d'isso, o código judeu apresenta um caracter innegavel d'universalidade: a lei do Sinai não é a lei d'uma só nação; é a lei de todos os povos, de todos os climas, de todos os tempos; é a voz do pae de todos os homens falando a toda a familia humana.

Effectivamente, Moysés, firmando a

moral sobre a religião, dá a ordem social a unica base que nada pôde derreir, posto que a sociedade do homem com o homem não é senão uma amplitude da sociedade do homem com Deus.

Para os Gregos, a formula: «Principiemos por Jupiter,» não era senão a expressão de uma rogativa e o começo de uma invocação religiosa; na lei dos Hebreus: «Deus antes de tudo,» é a regra e a alma da vida individual e da vida social.

«Deus antes de tudo.» Tal é a harmonia d'aquella prescrição com as inspirações da razão como nenhuma philosophia até agora tem apresentado uma melhor expressão da moral religiosa; tal é a sua harmonia com os principios da fé que a Igreja se asseihoreou d'aquella formula.

Alfóra o fundamento de todas as legislações humanas, a lei do Sinai contém mais algumas disposições que os legisladores do futuro talvez podessem e devêssem tomar-lhes.

\* \*

O que a maior parte dos povos modernos consideram como uma questão vital,—isto é, a constituição politica da sociedade, é a unica coisa a que não prestou attenção Moysés na sua lei: a forma de governo é-lhe indifferente. Os seus principios são adoptados a todas as formas politicas, porque todos a todas dominam.

O governo estabelecido por Moysés: é a theocracia para o absoluta. Deus é unico senhor do seu povo: nem sacerdocio dominador, nem despota laical. Se é o povo que pede os juizes e os reis, é Deus que os concede; é Deus que dá Othoniel ou Samsão, Saul ou David. Nunca o soberano dominio de Deus no mundo e sobre o homem fôra tão bem affirmado, nem tão bem concebido.

Ao passo que as nossas constituições politicas são fundadas sobre ficção, e mais ficção, como por exemplo: a ficção do direito divino d'uma familia, a ficção da irresponsabilidade d'um rei constitucional; a lei judia reconhece em realidade um rei que nunca abdica e que castiga ou recompensa dando ao seu povo um despota ou salvador.

Da auctoridade suprema dimana a auctoridade de poderes secundarios que se não confundem nunca e que permanecem sob a dependencia directa de Deus, desde o primeiro até o ultimo, principio da theocracia superior; em nome da qual um elequente e celebre bispo reprehendia os reis e os poderosos da terra: *Et nunc erudimini vos qui iudicatis terram.*

Não é de modo algum a casta sacerdotal que o governo é devoluto; o sacerdocio hereditario na familia d'Aarão, o serviço dos altares a cargo da tribu de Levi, não lhes conferem nenhuma auctoridade politica. Se as funcções religiosas são fixas e immutaveis, a auctoridade politica é mutabilissima: Deus, que é o unico rei, escolhe os seus ministros d'entre todas as tribus, dá e tira segundo a sua vontade o exercicio do poder.

\* \*

A penetrar-se no detalhe, acha-se na lei dada por Moysés ao seu povo todos os germens das virtudes christãs:

Que não haja entre vós indigentes nem mendicantes. Se algum de teus irmãos se acha necessitado, não cerres a mão. Não busques a vingança. Não tenhas contemplação com o rico em mimistrando a justiça. Nem a viuva nem ao orphão causes dano, senão elles clamarão contra ti e eu os escutarei. Que da tua bocca não saia offensa contra teu pae e não lances embaraços para os pés do cego... Ergue-te diante de uma cabeça encanecida... Quando ceifares, não ceifes o trigo rente á terra e nem levantes do chão as espigas deixadas. Não voltes ao vinhedo para ahí colheres os cachos esquecidos... Não açaimes o boi que dolulha o trigo na tua eira... Se tu vires desviar-se o boi ou a ovelha de teu irmão conduze-os ao mesmo sitio.

\* \*

Em summa, tudo o que o mundo antigo repelliu com dureza, Moysés o recebia, o elevava com bondade: O estrangeiro já não era um inimigo, o escravo era já um homem, a mulher estava na mesma classe que o pae de familia.

A lei honrava o trabalho manual, impondo a todos os Hebreus a obrigação de seguirem qualquer profissão:

O que não dá uma profissão a seus filhos prepara-lhes uma má vida. Não digas: «Eu sou um homem d'alta gerarchia, este trabalho não me conveni.» O rabino Joanan talhava alparcas, Nahum era copista, e Juda sabia amassar pão.

\* \*

O originalidade caracteristica da legislação moysaica, é que em lugar de se conformar como as legislações de Lycurgo ou de Solon com a indole do seu povo, o legislador contradiz todos

os instinctos dos Hebreus para impôr-lhes o jugo das suas concepções. As suas prescripções correspondem não aos desejos mas ás necessidades reaes d'esse povo d'um caracter rude, teimoso e d'uma imaginação sensual. Ao passo que as legislações dadas aos Hellenos preocupavam-se sobretudo dos individuos, a legislação judia tem um fim totalmente social; ella dirige o povo para a constituição d'um reino de Deus sobre a terra.

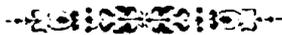
\* \* \*

Alem d'isso é sob a égide da razão humana que o legislador dos Hebreus assentara todas as suas prescripções:

A lei que vos imponho nem está acima de vós, dem longe de vós. Ella está proximo de vós, na vossa boca e no vosso coração... Affirmo pelo ceu e pela terra que eu vos hei proposto a escolha entre o bem e o mal, entre a vida e a morte. Escolhei pois a vida, afim de que gozeis d'ella, vós e vossos descendentes e que vós ameis o Senhor vosso Deus.

Todas estas considerações explicam por simples razões humanas a victoria extraordinaria e a duração permanente da obra de Moysès que nem David, nem Salomão, nem Ezechias julgaram dever alterar.

J. C. de Faria e Castro.



### Potestas

**S**E—*Omnis potestas a Deo!* não pôde haver *potestas a populo.* Logo a soberania do povo não é outra cousa que a vontade do povo, como altissimamente o disse Sua Santidade Leão XIII na Encyclica *Immortale Dei*; ora uma vontade humana não pôde ser origem do poder, pois que se assim podesse ser tanto valeria o Homem como Deus, e a Theologia estaria par ou teria como par a *Humanologia*. Asseverar que o povo é absolutamente senhor de si mesmo por isso que elle povo é origem de poder, tal asserção não passa de um absurdo, como muitos escriptores o têm demonstrado. *Vicenzo Gioberti*, que andou nos braços dos homens dos *principios de oitenta e nove*, disse:

«Que o homem faça um Soberano é tanto absurdo como o seria afirmar que é o filho que gera o pae.

O Soberano é autonomo (independente) com relação aos subditos, o, se recebesse d'elles a sua auctoridade, não

seria verdadeiramente Soberano, porque os titulos repugnariam á sua origem.

A Soberania não pôde nascer dos subditos, mas quiz nascer de um outro Soberano, afim de se juntar á soberania absoluta (isto é Deus).»

Sendo Deus o Auctor da Sociedade, seria abedicado de um dos Seus Atributos se cedera de Si a origem de todo o poder, e assim fizessem consentisse que o povo fosse a fonte da Soberania. Os falsos philosophos do seculo passado, seguidos por outros falsos de este seculo, sustentaram e sustentam que o povo é Soberano e por si faz a Soberania.

Não foi só *Vicenzo Gioberti*, que combateu, como acabamos de o provar, a origem de poder e assim da Soberania no povo, muitos sábios têm combatido o mesmo erro, e os factos têm provado que tal theoria é *errata*; factos assim comprovativos, temo-os tido bem salientes em nossos dias, e em menos de um seculo, ou de cem annos, têm-se elles reproduzido com estrondo; em menos de cem annos, depois que aquella theoria de erro começou a *rigorar* ou antes a *enganar*.

«O que seja a soberania popular, diz um auctor, bem o faz conhecer, e onde pôde chegar, o fim miseravel de Luiz XVI em França, do primeiro Napoleão, de Luiz Philippe e de Napoleão III.»

Um orador disse: «que o povo era a creança de quatro mil annos» e é *elle* ou uma *creança* que *ha-de* ser a origem da Soberania ou a *causa derivadora* que terá como *sua consequencia* o Soberano, aquelle que tem por missão governar os subditos? esta *theoria* é tão falsa em si, como mesmo pelos factos está provada a sua falsidade, não lhe faltando o característico de *absurda*; a *Maçonaria-Revolução* a engendrou á *sua propria imagem*, e achou sequazes para de um absurdo se fazer um *direito publico!*

A Historia protesta contra o absurdo, que pretende sustentar que a Soberania não é outra cousa que a vontade do povo.

Ha Soberanos de eleição, mas esta é *meio* e não origem do poder, que directa ou indirectamente vem de Deus e o dá segundo os Seus Designios!

Quando Pilatos disse ao Divino Redemptor que tinha poder para—O Crucificar, e poder para O Soltar, respondeu-lhe Jesus:

«*Nim haberes potestatem adversum me ullam, nisi tibi datum esset desuper.*»

Assim mesmo, para que o Filho de Deus feito Homem, ficando Deus-Homem, fosse julgado por Pilatos foi mister que o poder viesse a Pilatos *desuper*, do alto, do Senhor Unico de todo o poder; Misterio insoudavel o de tal con-

cessão a Pilatos, mas que a Fê Catholica nos faz sufficientemente comprehender!

A falsa philosophia, querendo tambem uma falsa politica, estudou como poderia lisongear a *causa da popular*, onde aquella via o *numero*, e nada achou *melhor* do que fazer do *numero* a origem da Soberania, e assim mentiu-lhe para a gaulhar; foi intento, e jogo *Satanico*.

O povo tem outra consciencia e juizo que os *taes philosophos*, aceita o poder, reputa-o superior a si e não sahido de si; o elemento desordeiro democratico não é o povo, é contra o povo, é só a expressão de *si proprio* e o echo da falsa philosophia menos por palavras do que por obras.

Os philosophos sem verdade têm feito e vão sustentando a *theoria maçonico-revolucionaria*, e o seu povo incendia, mata, invade, apropria-se do alheio e faz barricadas; veja-se *que origem do poder!* *que fonte de Soberania!*

Os falsos invocados *direitos do homem*. Só são aptos e efficazes para *degradar o homem*, e a experiencia o tem mostrado: são elles o *virus* que não vaccina mas destroe!

D. Antonio de Almeida.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º anterior)

#### IX

Juizo critico dos impios a respeito de Jesus Christo, de Mahomet e de Lutero

*Reflexões contra um parallelo tão impio, —Cobardia e depravação de Lutero. — Valor e santidade de Jesus Christo. — A doutrina de Lutero destruiu a liberdade do povo allemão, produziu a guerra dos paizanos, os incendios das cidades, das egrejas, dos mosteiros, as perdas de preciosidades artisticas e litterarias. etc. — Manzer nas mãos do verdugo. — Fragmentos de Convivia mensalia. — Olio de Lutero a Carlstadtio. — Mahomet: sua ferocidade e sensualismo. — A sua moral depravada. — Fragmento da moral de Jesus Christo. — Reflexões.*

E' fóra de duvida que a divindade de Jesus Christo é um dogma acreditado desde a origem da Igreja, sem que os incredulos possam allegar razão alguma em defesa do erro contrario.

Estes modernos discipulos de Ario, não sendo capazes de attingir as emna-

ranhadas hypotheses de seu mestre, tomam rumo differente para as propagar. Dedicam grandes elogios e louvores hypocritas ao talento e genio superior de Jesus-Christo, em quem só reconhecem as extraordinarias condições que Mahomet e Luthero reuniram para a revolução social que as suas doutrinas causaram.

Combatem, pois, a divindade do Salvador, comparando-o com o apostata agustino e com o fanatico Mahomet, parallelo impio que a propria razão destróe.

Nós, os catholicos, estamos profundamente convencidos das grandes virtudes de Jesus, cujo talento foi superior ao de todos os mortaes. Este convencimento devemo-lo á nossa crença na sua divindade, sem termos necessidade de que os impios nos communique o seu singular descobrimento; descobrimento que não revela grande intelligencia, nem dá a idea mais exacta da condição humana.

Concedendo a Jesus-Christo as condições exclusivas do genero humano, ainda que no grau mais nobre e eminente, é forçoso reconhecer que Elle se utilisaria d'ellas antes em seu beneficio particular, do que em proveito dos outros. Assim o faz Mefoma, assim o fizeram Alexandre e Julio Cezar, e assim o vão fazendo todos os heroes.

Se Jesus fora um mero homem, teria indubitavelmente empregado o seu talento para se livrar da morte, como Luthero empregou o seu guarnecedo-se com tempo no castello de Varburgo, forte e elevado como um ninho de aves (1).

Não censuramos as precauções exquisitas d'aquelle monge limido e sagaz nem a força ridicula com que elle desculpou o seu medo prematuro e infundado (2), porque o instincto de conservação é a primeira necessidade de todos os mortaes.

Mas quão distincto não foi o proceder de Jesus! O Redemptor deu como certa a traição de Judas, era-lhe conhecido o accordo da synagoga, não ignorava o decreto da sua prisão e da sua morte no patibulo; e podendo livrar-se por meio da fuga d'um martyrio certo e cruelissimo, apresenta-se

(1) Palavras suas

(2) Luthero e o seu protector Frederico de Saxonia prepararam uma farsa para justificar a retirada do monge para o castello de Varburgo. O secretario de Vormes saiu com o seu salvo-conducto e acompanhado de pessoas de sua confiança; mas ao aproximar-se do castello de Altenstein, apresentaram-se dois cavalleiros mascarados, que depois se suppoz serem os seus amigos Hans de Berlepsch e Burcardo de Hind, fingindo que iam prendel-o. Os companheiros fugiram ficando Luthero entre os seus suppostos inimigos, que o escoltaram até ao castello de Varburgo; dizendo com cynico descaço que lhe tinham salvado o cavallo, quando no bosque apenas se representou uma farsa anteriormente preparada

aos soldados que iam buscá-lo, e reprehende o zêlo que S. Pedro demonstra em sua defeza d'Elle.

Com o seu talento e elevado genio podia confundir tão malvados inimigos; fora-lhe facil ganhar a vontade do governador romano, vencendo a sua irresolução; e com algum dos seus prodigios ou com a sua eloquencia irresistivel podia ter acalmado a exaltação do povo, que os pluriseus injustamente amotinaram; mas permittiu que o condemnassem á morte, pois era necessario o seu martyrio para salvar a humanidade.

Assim estava promettido por Deus ao primeiro homem, e escripto nos livros sagrados e vaticinado por sanctos varões. Realizou-se a promessa do Senhor, e as prophcias cumpriram-se, morrendo Jesus Christo ignominiosamente para que o homem recuperasse a felicidade que a sua culpa lhe fizera perder. É digno de lastima o incredulo que nega ao seu coração tantas consolações e esperanças!

Jesus não buscou a amizade e o apoio dos grandes e poderosos da terra, antes pelo contrario combateu energeticamente seus vicios; mas Luthero mendigava a protecção dos principes saciando a cubiça d'elles com as riquezas dos mosteiros, e exagerou a sua rasteira adulação auctorizando a bigamia d'um d'elles e concedendo-lhes auctoridade até no fóro interno.

Jesus Christo manda no Evangelho obediencia e respeito aos poderes publicos; ordena a pureza dos costumes e o amor do proximo; prohibe o repudio, o adulterio, o roubo e até os maus pensamentos: Luthero offerece o espectáculo da sua fraqueza e incontinencia casando-se com Catalina, monja evadida do mosteiro de Nimptscher (1) com Leonardo Koeppe (2)

A honestidade do agustinho apostata pode buscar-se no sermão sobre o matrimonio que elle pregou na igreja maior de Witemberg, profanando a cadeira evangelica com a exposição dos pensamentos mais impudicos; sermão que elle mandou imprimir, e cuja leitura produziu em Standitz a resolução de abandonar a sua eschola, escrevendo-lhe estas phrases: *Separo-me de vós, meu irmão, porque vejo que vos applaudem as pessoas que frequentam os lupanares* (3).

Abandonava-se com os seus amigos aos excessos da gula, celebrando o procedimento dos frades apostatas e que vagamundeavam pelos bordeis e tabernas, em consequencia de terem adoptado a reforma, e quando o con-

(1) Da ordem de S. Bernardo.

(2) Menina de bella presença com quem fugiu do convento.

(3) *Uctaris ab iis qui lupanaria colunt*

tradiziam, ainda mesmo nos assumptos mais triviaes, a sua irritação era extrema.

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrijo

## SECÇÃO HISTORICA

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja, desde Herodes até nossos dias

(Continuado do n.º 2)

XIV

TRAJANO, IMPERADOR DE ROMA

(Morreu no anno 117 da era christã)

**E**STE imperador, que passeára as aguias romanas por todo o mundo, e que calcára toda a terra com o peso enorme de suas legiões aguerridas, foi tambem um dos inimigos do Christianismo, ainda que variasse um pouco na forma das perseguições que lhe fazia.

Trajano seguiu vereda differente da que trilharam os imperadores passados, e foi, por isso, o mestre dos inimigos da Igreja que ainda hoje a perseguem.

Não publicou editos de perseguição contra os christãos, mas prohibiu as reuniões noturnas que elles costumavam ter, e decretou que ninguém podia professar novas religiões, ou que fossem importadas do estrangeiro, dando com isto liberdade aos seus agentes nos diversos pontos do imperio, para perseguir cruelmente os filhos da santa Igreja. Fazia como muitos governos d'hoje, que se não declaram inimigos da religião catholica, mas não consentem que se façam procissões, impedem por todos os meios ao seu alcance todas as demonstrações religiosas e mandam a imprensa garota fazer troça dos que frequentam a casa de Deus.

Logo em principios do seu reinado foi desterrado o Papa S. Clemente, e S. Simeon, Bispo de Jerusalem, foi tambem condemnado á morte durante o seu governo.

Quando, porém, o imperador mostrava signaes de benevolencia para com os christãos, faziam justiça por sua conta os seus delegados, como aconteceu com o governador da Bitinia, que, depois de informar o Cezar, de que não achava nos christãos outros crimes, que o reunirem-se á noite para louvar ao seu Deus, e fazerem votos de não roubar, não prejulgar nem commetter adulterios, e como o imperador decretasse que não fossem denunciados os christãos

pelo só facto de o serem, o fero governador continuou a dar a morte a quantos lhe eram apontados como seguidores da lei de Jesus Christo.

Como os modernos perseguidores da Igreja, Trajano não dirijia os raios da sua ira contra o povo, era contra o Papa, e contra os padres, e isto porque pensava, como pensam os despotas de hoje, que derrubada a cabeça e cortados os membros principaes, o corpo havia baquear necessariamente.

Mas Trajano enganou-se, como se tem enganado os inimigos do Papa, dos jesuitas, e dos frades no seculo actual, e a Igreja, apesar dos tiros que lhe são dirijidos ao seu Chefe, desde o principio, conserva-se lastimando a cegueira dos inimigos de Deus.

E continuava a perseguição silenciosa mas tenaz, e as victimas eram sacrificadas para agradar ao Cezar, que só podia acentar o throno sobre montões de cadaveres.

Deus, porém, que não dorme, e por isso não deixa sem castigo os tyrannos e os despotas, mandou sobre Trajano e seu imperio os cataclismos que costumam fazer parar os reis e os povos em meio de seus desvarios.

Espantosos terramotos encheram de espanto e medo, não só o imperador, mas os seus valentes soldados.

Era a ira do ceu a lembrar as culpas dos homens de Estado, era a justiça Divina pedindo vingança.

Foi tal o terror que Trajano parou no seu systema de perseguição; mas os castigos continuaram, as Aguias imperiaes principiavam de bater as azas afastando-se da gloria que sempre as cobrira, e afinal, apoz mil desaires, e depois de escapar a perigos immensos, Trajano morreu, mas morreu como morrem os inimigos de Deus, da virtude, da santidade, da liberdade.

Morreu, no dizer de varios auctores, do veneno que lhe ministraram.

Morreu envenenado!

Se consultarmos a nossa historia moderna, tambem acharemos um Cezar, inimigo da Igreja, que teve morte igual á de Trajano.

(Continúa)

T. G. de E. Frias.

## SECÇÃO CRITICA

### Os missionarios em Barcellos

(Continuado do n.º anterior)

**O**S individuos de Barcellos que palraram na imprensa contra a missão que alli foi dada pelos padres varatojanos, já não de ter dito

com os seus botões:—Quando se calará no «Progresso Catholico» o leitor do «Primeiro de Janeiro»? Quando deixará elle a epigraphé—*os missionarios em Barcellos*? Ha muito que os missionarios não estão aqui, e o leitor do *Primeiro de Janeiro* vai continuando sempre—os missionarios em Barcellos..... os missionarios em Barcellos..... e tal epigraphé não é nada adaptada ao que diz, ao que escreve.

Talvez tenham dito isto os gazeteiros de Barcellos.

Ora tirem o cotão dos ouvidos. Ouçam bem.

Se Deus quizer, ainda esta não é a ultima vez que tomo a penna para dizer algo no «Progresso Catholico», e sempre debaixo da mesma epigraphé. Quando acabar este meu trabalho, avisal-os-hei: estejam socegados e não conversem com os botões, porque isso não é bonito.

Notem, porém, uma coisa os senhores gazeteiros de Barcellos que tanto *amaram*, (e ainda *amam*) os missionarios.

Tenho escripto e escreverei sobre este assumpto, não porque dê alguma importancia ao que ali disseram nas gazetas (1), mas para que todos os assignantes d'esta Revista (perto de 4:000!) saibam o grau tão baixo que, n'essa villa, marca o thermometro da boa educação, da moralidade (2). Ora isto é bom que se saiba não só no reino *filelissimo* propriamente dito, mas tambem nas ilhas adjacentes; não só em todo o Portugal, mas nas regiões estrangeiras onde o «Progresso Catholico» tem assignantes.

Talvez que os jornaes de Barcellos que berraram contra os missionarios, não *andem* por tão longe, e não tenham tantos leitores como o «Progresso Catholico»; e então faço até um grande favor aos gazeteiros de Barcellos em espargir assim as suas *luzes tenebrosas*.

E a epigraphé? Vejam:

Já que os senhores gazeteiros mostraram aborrecer em demasia os missionarios, já que tamanhos esforços fizeram para que elles não terminassem ahí a missão, (mas terminaram-n'a, e

estiveram em Barcellos muito mais tempo do queencionavam para assim *causticarem os insensatos*, como disse n'outro artigo: e os gazeteiros, esses coitadinhos, ficaram de *bocca aberta* a engulir mosquitos porque não podiam engulir missionarios, se não.....) já que tamanhos esforços fizeram, repito, para que os missionarios não terminassem ahí a missão, mostrando d'este modo o quanto *gostavam* d'elles, tenham paciencia: recebam este seguido *caustico* para lhes allivir os *velhos soffrimentos*.

Hão de engulir sempre a epigraphé—*Os missionarios em Barcellos*—embora a *pálula* lhes seja desagradavel ao paladar, como lhes eram desagradaveis os missionarios.

Se por acaso não gostam da epigraphé, gosto eu, e é quanto basta. O *Primeiro de Janeiro* offereceu-n'a, eu aceitei-a.

E não se diga que ella agora tem sido inteiramente despropositada. Não, senhores. Pois quando os missionarios estiveram em Barcellos, quem foi que lhes fez guerra? Quem os cobriu de insultos? Quem propalou então as maiores mentiras e calumnias? Quem? A imprensa anti-catholica barcelloense. Ora como tal imprensa *figura* sempre n'este *drama*, segue-se que a epigraphé não é de todo impropria.

Demais: Eu, por causa d'esta e outras interrupções que se têm dado e darão, ainda não terminei a analyse á 3.ª noticia que o *Primeiro de Janeiro* me offereceu sob a epigraphé—*Os missionarios em Barcellos*. Mais tarde o farei: e então para que mudar de epigraphé? Nada—o melhor é continuar sempre a mesma.

Posto isto, vamos ao resto.

Certos hão de estar os leitores de eu lhes asseverar que um supplemento (cabe-lhe melhor o nome de pasquim) á «Ideia Nova» de Barcellos, jornal que já conhecem e que tanto berrou contra os missionarios varatojanos, foi introduzido por debaixo das portas d'alguns habitantes da freguezia de Martin, dizendo parvoçadas contra uns padres que n'aquella freguezia deram uma missão.

Hão de estar certo d'isso.

Pois bem.

Os da «Ideia Nova» não se contentaram somente em espalhar o nojoso supplemento na freguezia de Martin onde se deu a missão: fizeram o mesmo em Encourados, freguezia contigua áquella.

Mas que? Se os de Martin, como já sabem os leitores, castigaram devidamente o immundo supplemento não lhe dando a mais pequena importancia, rasgando-o, e atirando com elle *para onde se não diz agora* (mas que os leitores não ignorem) alguem de Encou-

(1) Foi tal a importancia que dei ás noticias que o «Primeiro de Janeiro» transcreveu dos jornaes barcelloenses, que, logo depois da epigraphé—*os missionarios em Barcellos*—escrevi entre parenthesis—(duas noticias importantes—terceira noticia importante), sublinhando sempre a palavra *importante* para assim indicar aos leitores que ellas não tinham a mais pequena importancia. Era escusado notar isto, mas vá lá. Por falta d'esta brazu não deixa a sardinha de ficar bem assada.

(2) Tambem aqui não era precisa a nota para dizer que os muitos e bons catholicos de Barcellos não entram na conta. Todos sabem muito bem a quem serve a carapuca. Não fique dito d'uma vez para sempre.

rados arrecadou a nefaria pasquinada para, n'um energico e bem elaborado protesto, mostrar ao publico as falsidades que divulgára o desbocado escrevinhador do mofino supplemento.

Protestaram, pois, alguns ill.<sup>mos</sup> snrs. proprietarios d'aquella freguezia contra os insultos, mentiras e calumnias que se liam no perverso pasquim; e protestaram, não para darem satisfação á «Ideia Nova» (como diz o mesmo protesto), «mas sim ao publico illustrado e sensato para que podesse conhecer como se deturparam os factos n'aquelle papel irreligioso e nada sério».

Diz ainda o protesto:—«Hão de vir brevemente e opportunamente missionarios para a freguezia de Encourados; e para os devidos effectos declaramos que se por essa occasião nos remetterem pasquins da mesma raça, folgaremos dar-lhes o destino que é proprio dos papeis inuteis».—Muito bem.

Mil louvores aos ill.<sup>mos</sup> snrs. proprietarios de Encourados que protestaram contra as aleivosias que dessiminára o asqueroso pasquim.

Um meu amigo d'aquella freguezia, a quem os da «Ideia Nova» mimosearam com o immundo supplemento, fez o favor de m'o enviar, e verdade ..... verdade, a sua leitura despertou-me sobremodo a gargalhada e seguidamente a esta muita tristeza:—Gargalhada por ver as contradicções em que se despenhou o desbocado rabiscador; tristeza por, em tempos em que se apregoam *tantas luzes*, em «pleno seculo de progresso» (como diz o pasquim), sahir á luz da publicidade um supplemento onde, d'um modo bem manifesto, se vê o seu auctor cercado de densas travas ácerca de educação, e, por conseguinte, retrogrado e bem retrogrado.

Progredir no erro, no mal e no vicio (já o disse n'outro artigo e repito ainda) não é progresso, é retrocesso.

O supplemento á «Ideia Nova» não o dou a ninguém, nem o rasgo. Ha de ficar em minha casa para attestar aos vindouros as *luzes* e o *progresso* do seculo actual.

No reverso do execravel papel jáescrevi, em letras gordas, as seguintes palavras:

#### AD PERPETUAM REI MEMORIAM

NA DOMINGA DA SEXAGESIMA, DO ANNO DE 1886, SAHIU Á LUZ, EM BARCELLOS, ESTE SUPPLEMENTO. NÃO SE RASQUE. É UM monumento QUE A «IDEIA NOVA» DE BARCELLOS LEVANTOU PARA INDICAR Á POSTERIDADE O *progresso* E AS *luzes* DO SEculo XIX. JUNTO A ELLE ESTÁ O GRANDE MARTELLO QUE O ESMAGA. TUDO ISTO SE CONSERVE.—AD PERPETUAM REI MEMORIAM.

Quinze dias depois de receber o nojoso pasquim, o mesmo amigo de Encourados enviou-me «O Tirocinio», jornal onde foi publicado o supradito protesto. E que fiz eu? Grudei a margem esquerda do pasquim á do «Tirocinio», e foi por isso que, ao escrever o que escrevi no reverso do atrevido supplemento, disse que — *junto a elle está o grande martello que o esmaga* (referindo-me ao protesto).

Fiz isto para que o individuo que lesse as grandes calumnias e mentiras do pasquim, lesse, immediatamente, a verdade que o supplantava.

E que fizeram os da «Ideia Nova», com a divulgação do republico supplemento em Martim e Encourados? Fizeram com que muitas pessoas d'aquellas freguezias fossem ouvir ainda os missionarios varatojanos á freguezia da Graça! e pessoas que leram a pasquinada !!!!!.... Foi este o resultado da *bou lembradura* dos da «Ideia Nova» !!

Desenganem-se os da *ideia nova*, desengane-se a impiedade.

Será baldado tudo o que fizerem para desviar os bons catholicos do caminho da virtude.

O verdadeiro catholico crê em Deus misericordioso e justiceiro; crê na vida futura, na gloria eterna, assim como nas penas do inferno que eternamente hão de atormentar os peccadores que se não confessam bem, que não deixam o peccado, e se não voltam para Deus de todo o coração.

Berrem e tornem a berrar os impios.

Aos seus berros nunca dará ouvidos o verdadeiro catholico.

Este ouvirá sempre e com a maior satisfação os missionarios, os apóstolos da verdade, porque vai ouvir a palavra do seu Deus a quem ha de dar, n'um dia, contas rigorosas de todos os pensamentos, palavras e acções!

Berrem e tornem a berrar os incredulos.

O verdadeiro catholico nunca escutará aquelles de quem a Escriptura diz: — «a sua propria malicia os cegou». *Excceavit enim illos malitia eorum.*

Vou terminar, hoje, por uma bella poesia, que se lê no livro intitulado — «Flores do Campo» — por João de Deus.

Bendito o que não cai em se guiar  
Por conselhos de gente d'aprovada;  
E em vendo que vai mal, muda de estrada,  
E nunca se demora em mau lugar;

Que o seu empenho é só unicamente  
A lei de Deus, que estuda noite e dia,  
Como a arvore ao pé d'agoa corrente,  
Dá a seu tempo o fructo que devia.

Nunca lhe cai a folha; empresa sua  
Sai por força conforme o seu intento;

Enquanto o impio, o mau trabalha e sua,  
E é sempre como o pó, que espalha o vento!

No tribunal, onde ha de ser ouvido,  
Não conte com sentença a seu favor;  
Que não entra no numero escolhido  
Dos justos, dos amigos do Senhor.

O justo, Deus bem sabe o seu caminho,  
E guia-o, não o deixa andar sosinho;  
E o caminho do mau, pelo contrario,  
É bero sem sahida e solitario.

No artigo seguinte apparecerá a pasquinada.

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

## SECÇÃO ILLUSTRADA

I

### O P.º Moigno



PRIMEIRO prefacio do quarto volume da obra monumental «Os Exploradores da Fé», epigraphado «O Auctor» e destinado á sua autobiographia, começa do modo seguinte:

«Francisco Maria Moigno, nascido em Guéméné-sur-Scorff (Morbihan), a 13 d'abril de 1804, conego de S. Dionisio, conego honorario do cabido da cathedral de Vannes; doutor em theologia de S. Thomaz d'Aquino, professor emérito de theologia, hebreu, Escriptura sagrada, historia ecclesiastica, mathematicas, physica e chimica; auctor das Lições de calculo differencial e integral, de «Calculo das variações», da «Mechanica analytica», do «Repertorio d'optica moderna», de «Telegraphia electrica», das «Actualidades scientificas», da «Chave da sciencia», quinta edição franceza; dos Principios fundamentaes segundo os quaes se devem resolver, no tempo presente, as duas grandes questões: 1.º das relações da Igreja e do Estado; 2.º e da liberdade e organização do ensino»; ex-redactor do Univers., da «Union monarchique», da «Époque», da «Presse» e do «Pays»; redactor dos vinte e um primeiros volumes dos «Annuarios» do «Cosmos» e dos trinta e nove volumes dos «Mundos»; traductor da «Correlação das forças physicas», de Grove; do «Calor considerado como forma de movimento», de Tyndall; das «Lições sobre o som», de Tyndall; da «Luz», de Tyndall, membro da Associação britanica para o adiantamento das sciencias, da Academia imperial Estanislau de Nancy, da Sociedade batava de Rotterdam, da Sociedade das



ORAÇÃO DA MÃE

ciencias de Harlem, do Instituto geologico de Vienna, das Sociedades industriales de Mulhouse e Lyon, da Sociedade das ciencias, letras e agricultura de Versailles, das Academias pontificias dos Nuovi-Lyncei e da Immaculada Conceição, da Academia philosophico-medica de S. Thomaz de Aquino de Florença, e de varias outras sociedades sabias; um dos fundadores da Obra de S. Francisco Xavier; cavalleiro da Legião d'honra; official da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro d'Italia; commendador da ordem de Carlos III de Hespanha.

Não parecerá estranho, como observa o illustre auctor, que elle faça tal ostentação d'uma longa serie de qualidades e titulos? Obedeceria acaso a um sentimento de vaidade pueril e ridiculo aquelle, cuja simples indicação — P.º Moigno — designava já de si um sabio de primeira ordem e conhecido em todo o mundo illustrado? Vejamos a explicação que elle proprio dá do que á primeira vista pareceria ostentosa vaidade, e por certo ficaremos convencidos e satisfeitos:

«Na obra que hoje publico, e que é o resultado dos estudos e das preocupações de toda a minha vida, venho combater os combates do Senhor, isto é, venho vingar e defender a verdade e divindade da minha fé; eis ahi porque devia vestir todas as minhas armas.

«Vivemos n'um seculo que não admite a sinceridade esclarecida das almas crentes; que aventá a insultante pretensão de que a grande salvaguarda da fé é a ignorancia; que toma no sentido grosseiro da letra que mata esta admiravel sentença do Salvador: «Bem-aventurados os pobres d'espírito»; que quer n'uma palavra que a sciencia haja matado a fé, e que, onde ainda subsiste a fé, não possa haver sciencia. Em taes condições, evidentemente, eu teria prejudicado a minha causa, e faltado por conseguinte ao meu dever, se, desde logo, não houvesse estabelecido os meus direitos a apresentar-me como sabio, o que não podia fazer senão ajuntando ao meu nome as distincções honorificas que vieram buscar-me na minha exiguidade.

«Ouso declarar-o, sem hesitação alguma: se ha escriptor que preencha as condições exigidas pela missão que quer cumprir,—verificar e provar o accordo perfeito da fé e da sciencia,—sou eu esse escriptor.»

E com effeito, não é o P.º Moigno um mero escriptor piedoso, um auctor ainda que distincto só n'um ou n'outro ramo das ciencias, senão um sabio completo no vastissimo campo de todas ellas, sempre a par dos seus progressos, e até mesmo á frente d'elles.

Ha quem o duvide? Repugna a alguém crer na sua palavra, fundando-se em que «elogio em bocca propria é vituperio»?

Pois bem: o barão Carlos Dupin, o grande geometra, chamou ao P.º Moigno «um dos mais distinctos geometras da Europa»; M. Dumas, illustre secretario da Academia das ciencias, disse: «M. Moigno ha cincoenta annos caminha á frente do movimento scientifico. Tem introduzido em França todas as novidades da sciencia estrangeira, e a elle devemos o conhecer quasi tudo quanto se faz curioso e notavel entre os nossos visinhos; e reciprocamente, é tambem com frequencia a elle que devem os sabios estrangeiros o conhecer os nossos trabalhos.» A folha official da sociedade real astronomica, *Monthly Notices*, annunciou um dia que o nome do nosso auctor fóra dado a uma cratera da lua, recentemente notada e mais claramente definida, honra sem duvida grandissima. N'uma palavra, na Europa, na America, em todo o mundo sabio, o nome do preclaro jesuita é profundamente respeitado e venerado.

Não só *padre*, senão tambem *jesuita*? E' verdade; e note-se que, n'uma epocha em que o odio anti-catholico resuscita todas as falsas accusações, pos contra a Companhia de Jesus, não esquecendo a de condensadora das trevas da ignorancia, apparecem, entre outros, sabios eminentissimos e vulgarisadores, indefessos da sciencia como o P.º Secchi e o P.º Moigno, para desmentir e confundir os diffamadores perversos!

Em nenhum d'aquelles egregios sabios a sciencia matou ou intibou a fé. De si diz o P.º Moigno: Tenho lido e ouvido tudo, e nunca me assaltou uma duvida ou uma simples tentação contra a fé... Tenho sondado quanto tenho podido os mysterios da religião e da sciencia, e nunca a minha fé foi alalada: a minha voz será pois a d'uma testemunha esclarecida, convicta e fiel.»

A longa vida do P.º Moigno não foi exempta de provações, ao contrario foi d'ellas repassada; e talvez nehumas lhe fossem mais dolorosas que as accusações de que foi victima á sua sahida da companhia de Jesus, a que pertencera desde setembro de 1822 até outubro de 1843, e o dissabor de ver um dos seus livros condemnado pela Congregação do Index.

Qualquer que fosse o segredo da sua separação da illustre Sociedade o P.º Moigno declara que nunca cessou de amar ternamente aquella que foi sua mãe, e que permaneceu o que era quando vivia n'ella, nos bellos annos da sua vida religiosa; e sentindo-se vivamente impellido a aproximar-se de

novo d'aquella santa e gloriosa mãe, dirigiu uma supplica n'esse sentido ao rev.º P.º Geral, alcançando em agosto de 1872: 1.º união de orações e merecimentos com a Companhia; 2.º auctorização de terminar os seus dias n'uma das casas da mesma, com consentimento dos superiores locaes. A rehabilitação não podia ser mais consoladora.

O livro condemnado foi uma das suas *Actualidades scientificas*: «A Fé e a Sciencia, explosão do livre pensamento em 1874. Discursos annotados dos snrs. Tyndall, du Bois-Raymond, Ricardo Owen, Huxley, Hooker, e sir John Lubbock. A sentença applicou a esse livro a segunda regra do Index do Concilio de Trento: «Os livros dos auctores hereticos que tractam *ex professo* da Religião, são absolutamente condemnados.» Exceptuou os prefacios e as notas do P.º Moigno, de forma que a condemnação recahiu realmente sobre os discursos integralmente reproduzidos para serem refutados. Escusado é dizermos que o nosso auctor reconheceu que obrara mal em publical-os, o deplorou e se submetteu sem reserva. «Auctoridade legitima, diz elle, a auctoridade espiritual sobretudo, não se discute, aceita-se, inclina-se a gente, e depois erguem-se os olhos ao ceo e adora-se.»

Em 1882, ao entrar nos setenta e nove annos, publicou o P.º Moigno o 5.º volume (de XXXI — 895 paginas!) dos *Esplendores da Fé*, que intitolou «O milagre no tribunal da sciencia», approvado e elogiado pelo R. P. Torquato Armellini, um dos consultores da sagrada Congregação dos Ritos. Creio que foi o seu ultimo livro. E' numerosa a lista das suas obras, que se não limita ás citadas no começo d'este artigo.

Porém a vida actual do homem, por mais preciosa que seja para a sciencia e para a religião, não pôde durar indefinidamente. Todos os que veem a este mundo tem que pagar o seu tributo á morte, e o P.º Moigno não estava exempto d'essa lei universal. De idade de oitenta e um annos, passou d'esta a melhor vida em fins do anno passado (se a memoria me não falha, pois não tenho n'esta occasião meio de verificar a data exacta do fallecimento), deixando de si boa fama como ecclesiastico, e um nome distinctissimo como sabio. A sua obra capital é «Os Esplendores da Fé», em que á luz da crença e sobre a solida base do verdadeiro saber, estabelece o perfeito accordo da revelação, e da sciencia, da fé e da razão, e repelle vigorosamente todos os ataques da meia sciencia ou da sciencia falsa dos incredulos.

Bastaria esta obra admiravel para levar á posteridade o nome do P.º Moigno.

gno, e para lhe conquistar o amor e o respeito dos catholicos.

A. Moreira Bello.

II

### A oração da mãe

**E**M maio, no mez mais bello do anno, quando tudo são flores nos campos, nos jardins, por toda a parte, é esplendidamente formoso ver a mulher dos campos quedar-se em qualquer parte onde se leve uma cruz com a imagem de Jesus, e orar. E' que a natureza convida-a a louvar ao Senhor.

A nossa segunda gravura é a reproducção d'um d'esses muitos quadros. Uma mãe, com o filhinho ao colo, regressa de levar o almoço ao marido que trabalha proximo, e, passando pela cruz, aconchegou ao seio o filhinho, tomou do rosario, e continuou, talvez, a oração que mais de uma vez tivera interrompido.

E' formoso o quadro, porque se a mãe aperta com ternura o filho ao seio, com a mesma ternura fita os olhos no Pae celeste. Como é bella a mulher quando ora!

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Cincoenta annos

Meio seculo!... E' sonho, ou realidade? Affirma-m'o do tempo a voz ingrata; O cabello já raro e cõr de prata; O perdido vigor da mocidade;

A longa e acerba dor, que sem piedade O coração fibra por fibra mata; O cansaço que as forças arrebata No incessante lidar co'a adversidade!

Oh quantas lagrimas e angustia quanta N'estes dez lustros de mortal degredo, Que não sei como a muitos prende e encanta!

E todavia de morrer hei medo: De pae, marido e filho a missão santa Incompleta inda está!... Senhor, é cedo!

22 | 3 | 86.

### A proposito de certas festividades

De aspero açoite o manso Christo armado, Limp u de vendilhões o hebraico templo, Porque servisse ás gerações de exemplo Que a casa da oração não é mercado.

Ail vemol-a hoje em *theatro* convertida, Aonde mundanal magnificencia,

Doce canto e bombastica eloquencia, A sociedade attrae *culta, escolhida!*

Mas d'onde o corpo goza e a alma se esquece, Entre as nuvens do incenso ardente prece, Recendendo piedade, sobe aos ceus?

Tu, que um preferes coração contrito A sacrificio vão, pomposo rito, Podes taes cultos acceitar, ó Deus?!

15 | 4 | 86.

A. Moreira Bello.

## GRACIA

### OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

LIVRO II

A PERSEGUIÇÃO

CAPITULO XV

A conversão

**S**E já sou christã do coração, para que queres que o seja publicamente?

A cada passo vêem-se no genero humano contradicções como esta, porque mais do que se julga abundam por ahí pessoas, que estando convictas d'uma cousa não têm o valor e coragem precisas para fazer o que aquella cousa logicamente exige que se faça.

Maria Mirka não podia explicar-se este mysterio; fallava d'elle ao P.º Cerpedes e este unicamente lhe respondia:

—Orai por ella; orai, para que Deus remova e aplane os obstaculos que impedem de que a divina graça triunphe.

A princeza não se achava bem na situação, em que se havia collocado; porque conhecendo que o christianismo não era uma idea especulativa, á qual era sufficiente dar culto com a intelligencia, mas que era necessario render-lhe a vontade e praticar todos seus preceitos sentia ao não fazel-o, um tormento indescriptivel.

Via-se em contradicção consigo mesmo; via-se em peor condição, que os demais christãos; conhecia, que os que praticavam a religião eram mais felizes do que ella e lastimava-se de não ter o valor que estes tinham, e chorava, e gemia, e até se desesperava. Todavia, tinha aprendido a rezar e quando lhe davam aquelles arrebatamentos de colera, que lhe eram frequentes, recolhia-se a seu quarto e rezava. A oração tranquillizava-a e ella que conheceu praticamente esta vantagem, foi entregando-se á oração e acostunando-se a recorrer a Deus em todas as suas necessidades. Pedia-Lhe luzes e forças para vencer as lutas, que em sua alma se originavam, pedia-Lhe valor para

abraçar publicamente o christianismo e para carregar com a cruz, que tão pezada lhe parecia.

Antes, porém, de conceder-lhe esta graça, quiz Deus sujeitar seu coração de mãe a uma rude prova.

A mais velha de suas quatro filhas, que tinha então cinco annos, adoeceu tão gravemente, que os medicos declaravam impossivel o salva-a. A angustia e a dor de Gracia foram immensas. Gemia e chorava; soltava tristissimos suspiros e em sua profunda magna offerecia aos medicos quanto quizessem se lograssem salvar a vida de sua filha. Tudo era inutil: os remedios, longe de melhorar a creança, debilitavam-na e consumiam-na tanto, que Gracia, afflicta, ordenou que se lhe não ministrasse nenhum para que ao menos morresse sem tantas dores.

Maria Mirka, que desde o apparecimento da enfermidade repartia seus cuidados entre a filha e a mãe com a christã caridade e o sincero affecto que a ambas professava, ao chegar aquelle momento supremo, pegou na mão de Gracia, e apontando-lhe o céu lhe disse:

—Não são os medicos, mas Deus o que dá a saude e a vida. Confia n'Elle; pede-Lhe a saude de tua filha; offerece em recompensa d'esta graça o fazer aquillo que mais te custar, e Deus a salvará.

Versão do padre Lima.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**A**O principiarinos esta revista quinzenal achamo-nos em maio, nos primeiros dias d'este mez de tantas bellezas, d'este mez consagrado á Virgem das virgens e por isso, e parece que só por isso nossa alma, revoando por entre esses mares de perfumes com que as florinhas do prado embalsamam os ares, se aproxima mais da celestial mansão, onde os anjos adoram Aquella que tudo encanta com o só nome seu.

E se ha alegrias nos campos, nas selvas, nos jardins, nos montes, porque por toda a parte a natureza rejuvenesce, nos templos ha tambem santas alegrias porque a Virgem lá está no seu throno coberto de flores e esmaltado de luzes. Reproduce-se tambem no templo as alegrias da natureza é ali tambem tudo festas, tudo alegrias, tudo perfumes, tudo hymnos de louvor.

Guimarães não se esquece do Mez de Maria, e cada anno mais esta devoção cresce, mais se afervora a devoção por Maria. Não ha muitos annos que só se fazia em S. Francisco, e este anno faz-se n'esta igreja, em S. Domingos,

nas Capuchinhas, no Anjo, e na Misericórdia, onde é promovido pelas Filhas de Maria. Em toda a parte é feita com esplendor, mas n'esta ultima igreja, graças á devoção das damas que presidem a pia e santa associação, é onde ella se faz melhor. Faz-se ainda na capella do Asylo de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, ao Campo da Feira, promovido pelas Irmãs Hospitaleiras d'aquella casa. Se quizeres, leitoras, assistir ao santo exercicio do Mez de Maria em pleno oasis de devoção e paz, vae ali, áquella capellinha onde a Virgem Santissima te apparece entre um bosque de flores e de luzes, tendo por adoradores unicamente as creancinhas da escola e todas as Irmãs d'aquella casa de caridade. Já veem que só ali ha a honrar a Virgem, a innocencia e a virtude. Penetrae uma tarde n'aquella formosissima capellinha e sahreis com a alma repleta de santo contentamento.

Como a real irmandade dos Santos Passos não tem capellão á altura do cargo que deve exercer, teem ido fazer ali os santos exercicios alguns padres assignantes e amigos do *Progresso Catholico* a quem agradecemos a boa vontade com que se teem prestado a isso.

Ao espalhar-se o presente n.º terá lugar a imponente festividade da Consagração d'esta Archidiocese ao SS. Coração de Jesus, a que contamos assistir, e depois, se Deus quizer, fallaremos d'ella.

Não tivemos tempo para no passado n.º dizer alguma cousa da sollemnidade de *Lava-pedes*, que houve na igreja de S. Francisco d'esta cidade. Foi imponente e muitos louvores merece a meza da veneravel Ordem e especialmente o seu digno ministro o exc.º sr. João Antonio d'Almeida, a expensas de quem correram todas as despezas. Parece que esta seremonia se não fazia aqui ha muitos annos e por isso foi grande a concorrência, e todos, como nós, gostaram de ver reproduzir a scena de humildade que com os apostolos praticara o Divino Mestre. O digno Ministro da Ordem ajoelhou diante de cada um de seus irmãos pobres, lavou-lhe os pés, beijou-lh'os, e dava-lhe depois, com algumas palavras de consolação, uma esmola. E' assim que se observa a regra do Pobre d'Assis!

Foi orador o nosso amigo P.º José Fernandes Guimarães que, comparando as grandezas da terra com a humildade christã, desenhou formosos quadros de uma e outra cousa e provou que só pela humildade se é grande. Os nossos parabens.

Fez-se a festividade dos Prazeres da Santissima Virgem na igreja das religiosas Capuchinhas, precedida de novenas a grande instrumental. Na vespera houvera sermão feito pelo nosso amigo P.º Antonio Joaquim Teixeira, e no dia pelo outro nosso amigo Prior de Mosteiro de Souto, desempenhando-se ambos admiravelmente da tarefa difficilissima que tentaram — descrever os prazeres da Mãe de Deus e da humanidade.

Esta festa é feita pelos devotos da Virgem da Madre de Deus, á testa dos quaes está o Exc.º sr. Visconde de Lindoso, juiz perpetuo. As damas vimaranenses teem muita devoção com esta santa Imagem e todos os habitantes da terra as acompanham.

Ao Rev.º sr. P.º Luiz, dignissimo Capellão e confessor das religiosas damas os parabens pela boa ordem que observamos na igreja e pela boa vontade com que faz respeitar as determinações da Igreja e do nosso venerando Prelado.

Julgou-se terminada a missão das instituições religiosas em Portugal, depois que o vendaval revolucionario se pultara em ruinas as glorias da patria. Ruu-se depois a sociedade ao ver o habito monastico, e apontava se já a figura do frade como uma cousa digna de um museu d'antiquidades.

Engano. Quanto mais o seculo caminhava no caminho de todos os progressos materiaes, mais se foi reconhecendo o erro, o gravissimo erro em que caíram os governos como o de Portugal, que declararam guerra aos religiosos.

As freiras não são ainda de todo extinetas em Portugal e já se pensa em crear novas instituições de religiosas, por conta do Estado, para com ellas ter não no que resta ainda do nosso poder ultramarino.

Em alguns jornaes lemos ha dias a seguinte noticia, que prova o que deixamos dito :

« Dizem do Zaire que as missões inglezas estão importando senhoras missionarias, que se dedicam á educação das raparigas. Para combater a propagação que ellas fazem, julga-se indispensavel estabelecer junto ás nossas missões casas com irmãs da caridade, sufficientemente illustradas para poderem servir de mestras ás raparigas, e consta que o padre Barroso já está trabalhando para ver se consegue isto. »

Ainda não viria alguém dizer tambem aos nossos governos que todo o poder que Portugal tem na Africa e na India se ha de ir perdendo por falta de frades ?

Pois já lhe podia ter chegado tal noticia!

O nosso amigo e notavel escriptor catholico Rev.º P.º Senna Freitas, vae fundar em Jundialhy, na Provincia de S. Paulo — Brazil, um collegio para creanças de 7 a 12 annos, e de que já vimos o programma.

O Brazil deve regosijar-se com este estabelecimento de educação, que muito hade contribuir para o aperfeçoamento moral d'aquelle povo.

Ao nosso amigo mil parabens pelo arrojado da empreza.

Entrou no 4.º anno da sua publicação o nosso collega « *Jornal de Estarreja* », pelo que o felicitamos cordalmente, desejando-lhe prospera vida no novo anno.

São sempre os mesmos os missionarios. Por toda a parte praticando o bem, prestando serviços importantissimos á sciencia, levando a civilização a todos os povos, enriquecendo a Europa com as suas descobertas.

O seguinte acontecimento que encontramos narrado n'um jornal, e que gostosamente transcrevemos, dá uma ideia do que afirmamos.

« O revd.º Paul Camboné, missionario apostolico em Madagascar, acaba de participar á Sociedade d'acclimação de França uma descoberta que pôde interessar aos nossos lavradores, aqui aonde já por toda a parte se encontram grandes plantações d'eucaliptos. Trata-se de um sericigeno (um bicho de seda), o *Bibimandy* dos indigenas de Madagascar, do genero *Borocera* (*Boisdwal*).

Este bicho da seda pôde viver perfeitamente ao ar livre, mesmo em grandes altitudes d'aquella immensa ilha africana, aonde, mesmo assim, a temperatura desce ás vezes a  $\approx 3$  do termometro centigrado, e aonde as chuvas são muito abundantes de novembro a março.

Acresce que o *Borocera Bibimandy* alimenta-se da folha de varios vegetaes, como o tapiá, o goiaveiro, salixbabilonica (chorão commum), etc.; muito recentemente aquelle missionario, entregando-se a experiencias e observações sobre a educação do *Borocera Bibimandy*, descobriu que a folha do eucaliptos lhe podia servir de alimento, circumstancia que deve ser de grande interesse para muitas regiões aonde aquelle vegetal tanto se tem espalhado.

Esta questão dos sericigenos selvagens está na ordem do dia, depois das difficuldades que nos ultimos annos tem experimentado a sericicultura domestica. Por isso, qualquer estudo d'esta natureza que possa fazer luz para a introdução de algum novo lépidoptero selvagem, merece a maior attenção; quanto mais, podendo ser alimentado sobre as

plantas dos eucaliptos, a que nos temos referido na traducção das plantas selectas extratropicaes. No anno immediato ao córte d'estas arvores, as raizes que ficaram na terra apresentam uma touça de rebentões que atingem (sendo de globulos) 3 ou 4 metros e que podem por sua fórma fornecer muita folha, facil de colher, ou servir para lhe lançar os boroceras *Bibindandy*, e ficarem em uma altura conveniente para se vigiarem e colher-se-lhe a seda.

Os casulos são dispostos de uma maneira singular, como se vê da gravura que apresentamos. »

E' uma descoberta importante e que de certo vae dar bons resultados mesmo em Portugal, a não ser que a Sociedade de aclimatação de França seja tambem victima de alguma monomania, como foram certos jornaes de Barcellos.

Andam tão afastados do verdadeiro caminho os principes da epoca actual; tão mau uso fazem de seus haveres e do tempo que lhe sobra, que, quando algum apparece que sabe observar as leis divinas e exercer em toda a sua amplitude os santos principios da caridade, as tobas da imprensa, mesmo da imprensa que menos respeita os salutaros ensinamentos da Igreja, não podem deixar de proclamal-os como benemeritos da humanidade.

Ultimamente a imprensa estrangeira e portugueza tem fallado com louvor do irmão do Imperador da Austria, e nós, promptos sempre a proclamar a virtude onde ella esteja reproduzimos tambem a noticia seguinte:

«Deve chegar brevemente a Paris, afim de estudar as descobertas de Pasteur acerca da raiva, o principe bavaro Carlos Theodoro, irmão da imperatriz da Austria, acompanhado da princeza sua esposa e companheira nas investigações scientificas.

O principe que é já um medico distinctissimo, dispense constantemente uma grande parte das suas rendas estudando os meios de alliviar a humanidade enferma.

D'este modo conseguiu impôr-se no mundo scientifico não só como um medico habil, mas como operador e oculista de grande reputação.

A princeza sua esposa auxilia-o effizadamente nos seus trabalhos, e organisou á sua custa em Tegernasse, no magnifico castello em que reside, um hospital modelo em que são curados gratuitamente os enfermos que alli acodem de toda a Baviera.

Muitos infelizes tem já recuperado a vista n'aquelle bello asylo de sciencia onde a princeza é um verdadeiro anjo de caridade, e o principe um medico e operador infatigavel.

A esposa d'este homem notavel é filha do snr. D. Miguel de Bragança e portanto prima de el-rei D. Luiz.

Os felizes esposos passam grandes temporadas em Vienna d'Austria onde são geralmente estimados. »

Se os amigos dos theatros, dos bailes e dos cafés, podessem achar-se na Laponia, e gosar uma noite de dois mezes e meio, que prazer—não sentiriam, como elles chegariam ao fim da noite sem d'ella saudades ter, por todos os gosos, todas as paixões satisfariam n'essa noite immensa, que um jornal estrangeiro nos descreve assim:

«Na Laponia ha todos os annos uma noite que dura dous mezes e meio. Começa a 17 de Novembro e acaba no fim de Janeiro. Em todo este tempo trévas absolutas.

Em Bossekops, que é uma das grandes aldéas da Laponia, o reaparecimento do sol é recebido com estrondosa ovação pelos moradores do lugar, que se reúnem em uma colina para este fim. E logo que o primeiro raio de luz começa a dourar aquelles extensos lençoes de gelo, cessam todas as malquerenças. E' o grande dia de perdão commum. Todos se abraçam, esquecendo as injurias mutuamente irrogadas. Não ha mais inimigos nem desaffeioados; são todos irmãos.

Alguns missionarios francezes, que alli foram expressamente para assistir á festa do sol, dizem que nunca viram espectáculo tão commovente. »

Tambem é bom dar alguma noticia que faça rir, que nem só de lagrimas a gente vive. Vão as seguintes porque lhe achamos graça:

«Um amator de bellas artes dirigiu-se um dia a um pintor e encommendou-lhe uma paizagem, que contivesse uma Igreja.

Apresentado o quadro, diz o amator:

—Ora, meu amigo, nem ao menos pintou o senhor uns passeantes aqui pelo largo...

—Não se desconsolle: o povo está a ouvir missa.

—O freguez calou-se por algum tempo, depois do que perguntou ao pintor:

—Então, não leva o quadro?

—Espere... deixe o povo sahir da Igreja... »

Em dia de grande balburdia n'uma estação do caminho de ferro, aproxima-se um sacerdote para comprar bilhete, e, ao approximar-se ouve a traz de si uma voz que lhe grita:

—Espere, que primeiro cheguei eu aqui.

—E' possivel, responde o sacerdote, mas eu creio que cheguei primeiro.

—Não, senhor, replica o outro em tom de mofa, fui eu, e por tanto compro eu primeiro, porque deve saber, aqui como no confissionario entra-se á vez e com dinheiro na mão. Não se fia.

—Então o snr. já pagou alguma vez no confissionario?

—Sim, senhor.

—Lastimo-o, disse o padre sorrindo, porque no confissionario não se paga se não para restituir o roubado.

Escusado será dizer que uma descarga de gargalhadas acolheu a resposta do sacerdote, ficando corridissimo o espirito forte, que de certo não tornará a asnear.

Bom é que assim se vá fazendo por toda a parte porque da devoção para com os santos é que nascem as grandes obras, a realisação de grandes commettimentos. A noticia de que as costureiras de Vienna do Castello irãono dia 23 do corrente em peregrinação á capella de Santa Luzia, situada no alto do monte do mesmo nome, proximo d'aquella cidade, dá-nos uma prova de que a fé anima todos os povos do Minho, o que é um bom signal, porque a fé trará a regeneração da sociedade. O motivo da peregrinação é fazer offerta á irmandade de alguns objectos para ornamento da capellinha.

Sublime ideia! esplendido pas-satempo!

A noticia seguinte, que encontramos n'um jornal estrangeiro, e digna de transcrever-se, e digno de imitar-se o proceder do Ourives catholico. E' para procedermos assim que o nosso escriptorio está sempre fechado em dias santificados.

Eis a noticia:

«Ha mezes entrou um principe russo, muito conhecido, na loja de um joalheiro de Paris, e manifestou intenção de fazer uma compra.

—Meu principe, respondeu o ourives, é hoje domingo: na minha casa, que data do cem annos, nunca se vendeu n'este dia: obsequiar-me-hia muito se tivesse a bondade de voltar amanhã.

—E' impossivel, parto esta tarde sem falta.

—Tenho pena; mas não posso infringir a lei de Deus, nem o regulamento da casa.

—Reflecta: seus escrupulos far-lhe-hão perder um bello negocio. Tenho tenção de comprar obra de quarenta mil francos de diamantes.

—Sinto, muito... não vendemos aos domingos.

E' a sua ultima palavra?

—Sim, meu principe.

O estrangeiro sahio, e entrou em uma loja contigua, de que o dono se deu pressa em lhe mostrar as mercadorias.

Ao passo que as examinava, o principe russo reflectia :

«Eu fui afinal de contas, pensava elle, bem imprudente e bem parvo em exprobar, ou pouco menos ao ourives os seus escrupulos. E' justamente de um negociante escrupuloso que necessito. Eu não sei distinguir um seixo do Rheno de um diamante do Brazil. Um ourives, sem probidade, pode roubar-me como no angulo de um pinhal. Em verdade nada prova que este, em cuja loja estou, seja um ladrão; mas nada prova que o não seja. O primeiro offerencia-me ao menos uma garantia. Seria com effeito por demais singular respeitar o terceiro preceito do decalogo, que manda santificar o domingo, e calcar aos pés o setimo mandamento que prohibe enganar e roubar o proximo.»

O resultado d'essas reflexões foi que o estrangeiro sahio da loja sem comprar nada, e demorou a sua partida vinte e quatro horas.

No dia seguinte, foi ter com o negociante christão, que o tratou em consequencia de lhe vender por preço razoavel.

Que os que vendem imitam o ourives, e os que compram, o principe russo; todos se darão bem com isso.

Se é verdade bemvindo seja, porque a humanidade vaç mal do estomago, mormente quem se da a leitura de maus livros e jornaes, indigestos em demasia.

E' o caso que um medico francez acaba de inventar o *Megaloscopia* instrumento, que serve para ver e estudar certas cavidades profundas do corpo humano como o estomago, a região toraxica, etc., e até para as fotografar.

Ha tempos já fôra aventada a ideia de introduzir no estomago, no extremo d'uma sonda, uma lampada electrica, cuja grande claridade permittisse perceber o interior atravez da pelle.

Hoje o megaloscopia põe á vista do observador uma imagem amplificada, se assim se quizer, do tecido intenso da cavidade estomacal, que pode ser estudada em todos os seus detalhes; para isso introduz-se lá dentro uma sonda de cincoenta centimetros de comprimento e sete milimetros de diametro.

Esta sonda termina n'uma lanterna diminuta que encerra uma lampada electrica com cuja luz se

illumina a cavidade estomacal.

Um prisma e duas lentes convergentes, dispostas por cima da lampada, reduzem a dimensões microscopicas, a imagem da dita cavidade, n'uma extensão de 20 centimetros de lado.

No outro extremo da sonda collocase uma luneta de movimento de amplificação. Essa luneta augmenta a imagem microscopica até ao ponto de se poder examinar a mucosa e as lesões que apresenta, da mesma forma que com uma lente.

Se em vez do olho do observador se collocar a objectiva d'um aparelho fotografico, pode-se obter uma prova ou negativa das paredes e fundo do estomago, de que se podem fazer reproducções.

Em resumo, segundo diz uma folha parisiense, pôde-se ver o estomago como se elle estivesse na mão, e tirar d'elle photographias diarias afim de comprar o seu estado de todos os dias.

E' fôra de duvida que o invento do medico francez esta destinado a prestar grandes serviços á medicina.

Do nosso collega o «Comercio do Minho» transcrevemos o seguinte com relação á peregrinação do voto de Braga e á inauguração e benção do monumento do Sameiro:

Braga mostrou mais uma vez a sua nunca desmentida fidelidade catholica e a sua crença fervorosa na protecção da Virgem.

A peregrinação começou a organizar-se de madrugada, correndo para o Populo e campo de D Luiz grandissimo numero de pessoas de todas as condições sociaes.

Saiu do Populo ás 6 horas e meia da manhã, indo na frente a bandeira do Sameiro, conduzida por directores da Associação Catholica. Seguiam-se diversas irmandades e confrarias—cerca de 30 e tantas—levando entre as suas alas diversos coros de seminaristas e aggregados do Coração de Jesus, entoando os mystérios do SS. Rosario.

No couce do prestito seguia o Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz, Vigario geral, Arcipreste, Desembargadores da Relação Ecclesiastica, Presidente e direcção da Associação Catholica, comandante dos Bombeiros Voluntarios, chefe de policia civil, e uma massa enorme de povo.

Até S. Victor, o dignissimo Prelado acompanhou, a pé, a piedosa peregrinação.

A peregrinação chegou ao Bom Jesus ás 9 horas, d'onde partiu para o Sameiro, depois d'uma hora de descanso,

seguindo-se a mesma ordem, e sendo tambem acompanhada por duas bandas de musica, tocando os hymnos do Sameiro.

A's 9 horas e meia chegou o Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz ao Sameiro, sendo esperado pela mesa da confraria, e uma banda de musica.

O monumento achava-se profusamente adornado, bem como se achava embandeirado todo o cume do monte, onde está erecta a capella, etc.

A capella estava tambem brilhantemente decorada, tendo collocadas aos lados todas as bandeiras das diversas peregrinações que alli têm ido.

Cerca das 11 horas chegou a peregrinação ao Sameiro. Era formosissimo o quadro que se offerencia diante de quem do alto do monte espalhasse a vista pelas estradas que o crusam.

Uma massa enorme de fieis arrastava-se, como uma grande serpente, contornando o monte em caprichosos zig zags, e enlevando com os canticos piedosos os ouvidos do crente.

Antes da chegada da peregrinação, o monte do Sameiro achava-se já completamente coroado de fieis. Depois, a multidão era compacta, dificultando o transitio.

Logo que a peregrinação chegou, teve logar a missa campal, que foi celebrada n'um altar improvisado á porta da capella, pelo exc.<sup>mo</sup> deão da Sé Primaz, á qual assistiu S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo.

Ao mesmo tempo, o sr. dr. Brito, digno presidente da Associação Catholica, celebrara outra missa dentro da capella.

Seguidamente, o venerando Prelado paramentou-se, e dirigiu-se ao local do monumento, onde teve logar a inauguração e benção solenne do mesmo.

A' uma hora da tarde, pouco mais ou menos, subiu ao pulpito o distincto orador sagrado, Snr. Padre Luiz Gomes da Silva, que fez um sermão entusiastico e esplendido.

Depois cantou-se um solenne *Te-Deum*, a que officiou o venerando Prelado, que terminou este acto religioso com a benção do SS. Sacramento.

Calcula-se em mais de 20:000 o numero de fieis que subiram ao Sameiro.

A cidade ficou deserta, grande numero de casas de commercio fecharam-se, e o povo das aldeias vizinhas correu em grande copia.

A partida da peregrinação do Populo, e a chegada ao Bom Jesus e ao Sameiro, foram annunciadas na cidade e n'aquellas duas fervorosas estancias por girandolas de foguetes, repiques festivos de sinos e pelas bandas de musica.

J. de Freitas.